

Estado da publicação: O preprint não foi submetido para publicação

O CORPO CRIANÇA E O CORPO ADULTO NA PESQUISA COM CRIANÇAS

Gisele Brandelero Camargo, Marynelma Camargo Garanhani

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4475>

Submetido em: 2022-07-29

Postado em: 2022-08-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Artigo: **O CORPO CRIANÇA E O CORPO ADULTO NA PESQUISA COM CRIANÇAS**

Autora 1: GISELE BRANDELERO CAMARGO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3983-2966>

Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná (PR), Brasil (BR). Contato: gbcamargo@uepg.br

Biografia:

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2020). Professora adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil - NEPIE UFPR – EDUCAMOVIMENTO e líder do Grupo de Estudos das crianças, Cultura e Educação (GEICE - UEPG).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0431876257906961>

Autora 2: MARYNELMA CAMARGO GARANHAN

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3975-7137>.

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná (PR), Brasil (BR). Contato: marynelma@ufpr.br

Biografia:

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, Mestre em Educação (Currículo e Conhecimento) pela UFPR, Doutora em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP e Pós-doutora em Educação (Contextos Educativos da Criança e Prática Docente) pela Universidade do Vale do Itajaí de Santa Catarina - UNIVALI. Atualmente é professora associada do Departamento de Educação Física e do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UFPR (linha de pesquisa: linguagem, corpo e estética na educação). Coordena o Grupo de Pesquisa EDUCAMOVIMENTO que integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE) da UFPR, o qual é líder. Atua como voluntária internacional na Organização Mãos sem Fronteiras e foi Chefe do Departamento de Educação Física, Coordenadora do Curso Licenciatura em Educação Física e da Especialização (lato-sensu) em Educação Física Escolar da UFPR. Atuou como Coordenadora do Programa LICENCIAR da UFPR. Tem experiência nas áreas de ESTUDOS DO CORPO E MOVIMENTO e também ESTUDOS DA CRIANÇA. Atua nos seguintes temas: corpo, gestos e movimentos na formação humana; cultura infantil e pesquisa com crianças; docência na Educação Infantil e Educação Física na escola.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1653231710357259>

ARTIGO

O CORPO CRIANÇA E O CORPO ADULTO NA PESQUISA COM CRIANÇAS

Gisele Brandelero Camargo¹

Marynelma Camargo Garanhani²

RESUMO: Esse texto traz reflexões acerca do corpo criança e do corpo adulto na pesquisa com crianças. Pautados na experiência de uma pesquisa que ocorreu em 2018 e 2019, em duas instituições escolares de Ponta Grossa – Paraná, sendo um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) e uma escola de anos iniciais do Ensino Fundamental. A investigação de base interpretativa e cunho etnográfico intentou compreender o ponto de vista das crianças sobre como é a experiência de atravessar da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os conceitos aqui discutidos visam colaborar com a legitimidade das vozes, verbais e não verbais da criança em pesquisas acadêmicas e científicas, em contexto educacional, pelo viés da Sociologia da Infância. Nesse interim, é apresentada a postura do menos adulto (MANDELL, 2003), como uma forma de relação entre o corpo adulto e o corpo criança no processo de produção de dados. Por meio dessa abordagem teórico metodológica, entende-se o corpo criança como um sujeito competente, criativo e produtor de conhecimento e cultura e defende-se a legitimidade de sua capacidade de compartilhar decisões, conjuntamente com o corpo adulto, no âmbito da pesquisa e do processo de escolarização.

Palavras-chave: corpo criança, corpo adulto, pesquisa com crianças, menos-adulto.

THE CHILD BODY AND THE ADULT BODY IN THE RESEARCH WITH CHILDREN

ABSTRACT: This text raises reflections about the child body and the adult body in the research with children. Line in the experience of a research which occurred in 2018 and 2019m in two school institutions of Ponta Grossa – Paraná, being one a City Center of Child Education (Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI) and a school of the early years of Elementary School. The interpretive-based and ethnographic nature research tried to understand the point of view of children about how is the experience of crossing from the Child Education to the Early Years of Elementary School. The concepts here discussed aim to collaborate with the legitimacy of the voices, verbal and non-verbal of the child in academic and scientific researches, in educational context, from the perspective of the sociology of childhood. In the meantime, it is presented the least adult posture (MANDELL, 2003), as a form of relation between the adult body and the child body in the process of data production. By mean of this theoretical methodological approach, the child body is understood as a competent subject, creative and producer of knowledge and culture and it is defended the legitimacy of its capacity of sharing decisions, jointly with the adult body, within the scope of the research and the schooling process.

Keywords: child body, adult body, research with children, less-adult

¹ Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGE- UEPG). Ponta Grossa, Paraná. E-mail gbcamargo@uepg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3983-2966>

² Professora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE-UFPR). Curitiba, Paraná. E-mail: marynelma@ufpr.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3975-7137>.

EL CUERPO INFANTIL Y EL CUERPO ADULTO EN LA INVESTIGACIÓN CON NIÑOS

RESUMEN: Este texto trae reflexiones acerca del cuerpo infantil y del cuerpo adulto en la investigación con niños. Pautados en la experiencia de una investigación que ocurrió en 2018 y 2019, en dos instituciones escolares de Ponta Grossa – Paraná, siendo un Centro Municipal de Educación Infantil (CMEI) y una escuela de primeros años de la Enseñanza Básica. La investigación de base interpretativa y etnográfico intento comprender el punto de vista de los niños sobre como es la experiencia de atravesar de la Educación Infantil para los primeros años de la Enseñanza Básica. Los conceptos aquí discutidos visan colaborar con la legitimidad de las voces, verbales y no verbales de los niños en investigaciones académicas y científicas, en contexto educacional, desde la perspectiva de la Sociología de la Infancia. Mientras tanto, es presentada la postura del menos adulto (MANDELL, 2003), como una forma de relación entre el cuerpo adulto y el cuerpo infantil en el proceso de producción de datos. Por medio de esta abordaje teórico metodológica, entiende-se el cuerpo infantil como un sujeto competente, creativo, productor de conocimiento y cultura. Defiende-se la legitimidad de su capacidad de compartir decisiones, conjuntamente con el cuerpo adulto, en el ámbito de la investigación y del proceso de escolarización.

Palabras-clave: cuerpo infantil, cuerpo adulto, investigación con niños, menos-adulto.

A PESQUISA COM CRIANÇAS

Fazer pesquisa com crianças pressupõe entre outras coisas, repensar novas formas de produção e análise dos dados, pois as metodologias tradicionais de investigação não são satisfatórias. Isso porque, com suas lógicas particulares, suas ações próprias para se relacionar, suas criativas maneiras de ser e estar no mundo, a criança quebra os protocolos tradicionais da pesquisa.

Criança é corpo! Dizendo isso, queremos ampliar nosso olhar para a potência corporal com a qual a criança expressa, interpreta, se relaciona, aprende, produz ou seja, vive no seu mundo social. Já afirmava Merleau-Ponty (2006, p. 183) que “a criança usa seu corpo como uma totalidade, não distingue o que é dado pelo olho, pelo ouvido, etc.” Isto é, em suas experiências, usa o corpo de forma integrada, possibilitando as múltiplas conexões ente os diferentes sentidos e funções corporais. O corpo é a criança! Porque revela, por sua diminuta formatação social, a originalidade e audácia das ações, a exploração de todos os sentidos, pensamentos e sentimentos. Diferente do adulto, que formatado pelas codificações das regras e símbolos sociais, controla o corpo, regula os movimentos e atribui novos sentidos aos gestos, a criança é corpo livre, intrépido, intuitivo. Assim, o corpo criança³ é autêntico e sua participação em pesquisa acadêmicas e científicas nos conduzem a pensar “nas crianças em contextos específicos, com experiências específicas e em situações da vida real” (DELGADO; MULLER, 2005, P. 353).

Com essa perspectiva de corpo criança, como uma singularidade dos sujeitos sociais crianças, na participação em pesquisas, desenvolvemos uma investigação de base interpretativa e cunho etnográfico, no período entre 2018 e 2019, para compreender o ponto de vista das crianças sobre como é a experiência de atravessar⁴ da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esse objetivo de pesquisa se constituiu a partir de duas questões norteadoras: a) Que diferenças, de um contexto escolar para o outro, foram identificadas pelas crianças durante a travessia? e b) Quais estratégias foram desenvolvidas pelas crianças nos contextos das suas escolas?

Para essa investigação⁵, nos inserimos em uma turma de finalistas da Educação Infantil, de agosto a dezembro de 2018, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Ponta Grossa – PR, e acompanhamos essas crianças nas suas travessias para o primeiro ano do Ensino Fundamental, de fevereiro a julho de 2019, em uma escola municipal adjacente ao CMEI, na mesma cidade.

Ao compreender que o corpo criança é sujeito social competente, criador de culturas, agente no processo de socialização, nossa inserção nos contextos escolares sucedeu buscando a aproximação com ela. Os conceitos de criança e infâncias foram embasados nas perspectivas da sociologia da infância, pela voz de Sarmiento (2003, 2005, 2008, 2011), Soares (2005), Qvortrup (2010), Sirota (1993), Corsaro (2011). As explicações de Le Breton (2007), James, Jenks e Prout (1999) e Merleau-Ponty (2006; 2011) foram essenciais para compreender que a experiência da criança é corporal, se transforma e transforma suas vivências sociais, e é cheia de significados e sentidos próprios.

As características peculiares do corpo criança, seus modos de interpretar o contexto, de se relacionar com seus pares e com os adultos, suas ações no universo social em que estão inseridas, nos fizeram considerar possibilidades inovadoras de pesquisas, pelas quais as crianças têm mais possibilidades de expressão e participação como produtoras de conhecimento científico.

Soares (2005) nos apresenta algumas reflexões acerca do desenvolvimento da pesquisa com crianças, na perspectiva da participação delas no contexto da investigação. Em suas palavras:

o desenvolvimento de investigação participativa com crianças implica a consideração de três aspectos: a necessidade de considerar as crianças como unidade de observação no processo de decisão sobre a investigação; a necessidade de colocar as crianças no centro do processo de

³O conceito de corpo criança está sendo construído pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Educamovimento-NEPIE/UFPR, com a prerrogativa de revelar e respeitar especificidades e características que o corpo da criança apresenta.

⁴Utilizamos o termo atravessar ao invés de passar ou transitar, porque o entendemos mais abrangente e porque ele implica em considerar a sensibilidade corporal no processo de passagem de um lugar para o outro, de uma situação para a outra, de um nível ao outro. Não é simplesmente passar de uma situação para outra, mas interpretar os sentidos que o corpo encontra para o significado da passagem.

⁵Número do registro do projeto com a aprovação CAAE: 91936418.6.0000.0105, em 20 de junho de 2018.

investigação e, finalmente, a necessidade de desenvolver métodos que permitam recolher as representações das crianças acerca das suas vidas [...]. (SOARES, 2005, p.160).

Para Soares (2005) e outros pesquisadores (CORSARO, 2011; QVORTRUP, 2010; SIROTÀ, 1993, SARMENTO, 2008, FERNANDES; MARCHI, 2020, entre outros), pesquisar com crianças altera a lógica da pesquisa convencional, no sentido de considerar que, para a participação das crianças, é necessário superar a lógica adultocêntrica e desenvolver métodos éticos de entrada no campo e de produção de dados que motivem suas falas, verbais e não verbais, incentivando a produção do conhecimento a partir delas. Isto é, centralizando a criança no processo investigativo, o que significa repensar todo o processo metodológico da pesquisa, desde a postura assumida pelo pesquisador, a autoria das ações e produções, até os métodos de produção, interpretação e análise dos dados.

Em nosso percurso metodológico, inicialmente buscamos aporte teórico, para nossa entrada no grupo de crianças, em Corsaro (2011) e sua conceituação para adulto atípico⁶.

Para o Corsaro (2011), o pesquisador não deve agir como os adultos típicos que observara em suas pesquisas, pois “os adultos eram principalmente ativos e controladores em sua interação com as crianças. Por exemplo, os pais e outros adultos que visitavam a escola costumavam se aproximar das crianças, iniciavam uma interação e faziam muitas perguntas” (CORSARO, 2011, p. 447). Além disso, constatara que os adultos “raramente entravam nas casas de boneca, nas caixas de areia, nas barras de escalada ou no trepa-trepa” (CORSARO, 2011, p. 448). Para entrar e ser aceito no grupo de crianças, de forma etnográfica, ele adotou uma postura reativa, em primeiro momento, que consistia em adentrar no reduto das crianças e aguardar suas reações e iniciativa de contato. Com essa postura de adulto diferente, superava “diferenças óbvias entre adultos e crianças em termos de maturidade comunicativa e cognitiva, poder (tanto real como percebido) e tamanho físico” (CORSARO, 2011, p. 444).

Em nossa investigação, por nossa característica de comportamento extrovertido, não tardamos a interagir com as crianças e, assim, desenvolvemos uma relação de proximidade com elas. Assim, nossa postura não pode ser descrita como reativa, como a de Corsaro (2011).

Pela concepção de corpo criança, enunciada anteriormente, delineamos que o corpo adulto é um sujeito social com movimentos e gestos conformados pelas vivências sociais. É aquele que sabe quais movimentos e gestos são permitidos em determinados contextos e quais são rejeitados. É, também, o sujeito que, por considerar essas normas sociais, regula e (muitas vezes) reprime os movimentos e gestos corporais.

Ao nos aproximarmos das crianças, pela pesquisa, reconhecemos o corpo criança diferente do corpo adulto e, ainda mais, pelo nosso interesse e disponibilidade frente às etapas da investigação, percebemos que nosso corpo adulto se comportava como menos-adulto (MANDEL, 2003). É sobre as nuances do corpo criança e do corpo adulto na pesquisa com crianças que discutiremos nesse texto. E para bem tratar dessas nuances, apresentaremos antes, o conceito de corpo criança e suas diferenças em relação ao corpo adulto.

O CORPO CRIANÇA E O CORPO ADULTO

Imaginemos um bebê, de aproximadamente seis meses, saudável, disposto, alimentado e confortável. O que acontece com esse bebê, se for deixado deitado, por um determinado tempo, num espaço seguro e protegido? Possivelmente, ele rolará, esticará os braços e pernas, mexerá os dedos, tentará alcançar objetos, colocará as mãos na boca, entre outros movimentos. Cena de fácil visualização mental, afinal, movimentar o corpo é uma expressão comum dos bebês.

Os movimentos do bebê, nessa hipotética cena e nas da vida real, estão corporificando as relações com o universo em que ele está inserido, isto é, ao fazê-lo, sabemos que o bebê está interpretando, conhecendo, se relacionando (PALLASMAA, 2012, LE BRETON, 2012, SANTIN, 2003) com seu universo particular, pois, “se movimentar promove todas as condições necessárias para

⁶Corsaro (2011, p. 451) define o termo adulto atípico: “onde era visto como um adulto incompetente por causa de meus poucos conhecimentos de italiano [...], continuava sendo um adulto. Sou grande demais para ser uma criança [...]. Fui aceito como um adulto diferente ou atípico – uma espécie de criança grande”.

que estabeleça um diálogo profícuo com o mundo, com o outro e consigo mesma, de modo a crescer e realizar experiências significativas.” (KUHN, 2016, p. 95). Esse exemplo nos faz pensar que os movimentos do corpo são os vetores de interação da criança, com o mundo em que vive. Isto é, por meio dos movimentos do corpo a criança interpreta, sente, pensa, experiencia, expressa, se relaciona.

As expressões da criança, gerada pelos movimentos do corpo, nascem e seguem com a criança desde a vida intrauterina, muito antes do desenvolvimento da linguagem verbal. Estes movimentos, assim como a linguagem, serão, ao longo da vida, moldados culturalmente, pois, na relação com o outro, o corpo, vetor da existência humana, hominiza-se (PALLASMAA, 2012). Em outras palavras:

É no interior da cultura que se produz corpos e do mesmo modo o corpo produz a cultura. A partir disso, o conceito corpo pode ser pensado enquanto uma definição abrangente, ou seja, corpos a partir de uma dada cultura e sociedade e o corpo particular como resultado da hominização e da singularidade de cada ator social. (CAMARGO; LUNARDON; DE PAULA, no prelo).

Isto é, o corpo é a possibilidade do humano pertencer e modificar o mundo, pois ele é responsável por introduzir o sujeito nos contextos culturais (LE BRETON, 2012). É no interior da cultura que o ser humano se torna sujeito ao mesmo tempo que produz a cultura. A partir disso, o conceito corpo pode ser pensado enquanto uma definição abrangente, ou seja, “corpos a partir de uma dada cultura e sociedade e o corpo particular como resultado da hominização e da singularidade de cada ator social” (CAMARGO; LUNARDON; DE PAULA, no prelo). Com isso, afirmamos que a cultura influencia os movimentos do corpo, aculturando-o, tanto quanto são influenciadas pelo corpo, sujeito social.

Todavia, na infância, antes da aculturação, os movimentos do corpo revelam, muito mais livremente, a criança, seu modo de pensar, sentir e agir. Um modo particular, intrépido e original. Nesse sentido, Cunha (2009) explica que:

Se uma criança manifesta zanga, contentamento ou medo, nós não duvidaremos de que essa é a sua experiência, em todos os seus aspectos. A criança é transparente quando tem medo ou quando gosta de uma coisa, quando tem fome ou quando tem qualquer outra reação. Há, efetivamente, na criança uma transparência sincera entre o que diz, o que sente e o que faz. É esta sinceridade/linguagem que podemos chamar também de verdade existencial. (CUNHA, 2009, p 86).

Os movimentos corporais da criança, que ainda não são (tão) aculturados, transparecem sentimentos, pensamentos e ações da criança, de forma sincera. Esses, por sua vez, são distintos dos sentimentos, pensamentos e ações dos adultos, que são moldados pelos costumes, regras e signos sociais. Considerando o que Le Breton (2007) propõe sobre a condição corporal da experiência humana, em que “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (LE BRETON, 2007, p.7), e aliada à compreensão de que “a criança usa seu corpo como uma totalidade” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 183), incentivamos o entendimento que a criança apresenta características e especificidades corporais próprias, na relação com o mundo, uma condição que a constitui criança. E o corpo, como um conjunto de dimensões física, afetiva, histórica e social (GARANHANI, 2008), na condição criança, expressa codificações não tão marcadas e/ou em construção, que o constitui corpo criança. Portanto, a criança é corpo e o corpo é criança nas suas diferentes expressões e comunicações. É o corpo criança que sente, pensa, interpreta, age, se relaciona, vive. E por ser um corpo diferente do corpo adulto ou do corpo idoso, por ter características particulares, por estar menos afetado pelas codificações sociais é denominado como corpo criança.

Por essa compreensão, o termo corpo criança nos remete ao sujeito social que pensa, sente e age por meio dos movimentos corporais intrépidos, sinceros, intuitivos e pouco aculturados, características específicas das crianças. Em outras palavras, a condição naturalmente ontológica do corpo criança revela-se no movimentar-se, que (ainda) está pouco aculturado. (KUHN, 2016).

Por não terem acessado algumas regulações sociais, as crianças expõem seus corpos de maneira potente no meio em que vivem. As “etiquetas de uso do corpo [que] regem as interações” (LE

BRETON, 2007, p. 74) começam a ser vivenciadas na adultez. E nos apoiamos em James, Jenks e Prout (1999) que dizem:

O que distingue a criança do adulto é entendido como a prática e o desempenho bem-sucedidos de um controle internalizado, até mesmo inconsciente, sobre o corpo e as suas funções. Isto significa, por tanto, que criancinhas que ainda não aprenderam as técnicas específicas (e historicamente variáveis) de controle corporal são incivilizadas em termos culturais. (JAMES; JENKS; PROUT, 1999, p. 224-225).

A incivilidade da criança, vai sendo alterada na medida em que interage na (sua) sociedade e

Pouco a pouco o corpo se apaga e a civilidade, em seguida a civilização dos costumes, passa a regular os movimentos mais íntimos e os mais ínfimos da corporeidade (as maneiras à mesa, a satisfação das necessidades naturais, a flatulência, a escarrada, as relações sexuais, o pudor, as manifestações de violência, etc.). As sensibilidades modificam-se. (LE BRETON, 2007, p. 21).

A intuição, a sensibilidade, os pensamentos, os movimentos e gestos são, paulatinamente, afetados pelos sentidos e significados culturais do universo social em que o corpo criança vive e se relaciona.

Nessas relações as crianças não agem como seres passivos, mas como agentes, envolvidos nos mundos sociais (PROUT, 2000). Assim, ao longo de seu desenvolvimento, elas têm seus corpos moldados pelos contextos sociais e culturais ao mesmo tempo que, enquanto atores ativos no plano social, também modificam os contextos.

O corpo criança é então condutor de ação, é agente no mundo, sendo que, na relação com o outro, gerencia relações, negocia, cria, troca, (re)produz, aceita e contesta normas sociais. Tal agência se materializa de diferentes formas, mas há potência na expressão de sua existência por meio de seus movimentos. “De outra forma, podemos dizer que a ação do corpo é traduzida em verbo e o verbo para criança é movimento: andar, saltar, girar, gesticular, sentar, arrastar-se, dançar, correr entre outros movimentos” (CAMARGO; LUNARDON; DE PAULA, no prelo).

O corpo adulto, por sua vez, é o agente social aculturado, marcado de sentidos culturais formulados pelas suas experiências. Corpo livre ou contido, racional ou intuitivo, o corpo adulto pensa, sente, age e se expressa de forma diferente do corpo criança. Além disso, há uma tendência ao enrijecimento dos movimentos no corpo adulto, de modo que ser requer esforço para vivenciar a corporeidade de outrora. Isto é, do ponto de vista da corporeidade, o que para o corpo criança é fácil desempenhar, para o corpo adulto é um esforço.

Na pesquisa com crianças, o corpo adulto precisa se esforçar ainda mais para oportunizar a participação e produção de conhecimento do corpo criança. Esse esforço, implica em alterar formulações conceituais e metodológicas, intrínsecas ao processo de fazer pesquisa. Significa acreditar que o corpo criança pode compartilhar decisões e ações, é potente na sua corporeidade para pensar, sentir e agir e seus conhecimentos sobre a infância são legítimos.

Na próxima seção, veremos como o corpo criança e o corpo adulto se relacionaram em nossa pesquisa.

O MENOS ADULTO NA PEQUISA COM CRIANÇAS

Uma alternativa para a investigação participativa com crianças é perspectiva etnográfica. A etnografia como sendo “uma ciência da descrição cultural, [...], em que o investigador permanece um tempo prolongado com um determinado grupo de pessoas, acompanhando suas atividades cotidianas” (HORN, 2013, p. 2), tem sido a metodologia de investigação sugerida pela sociologia da infância como uma forma útil de fazer pesquisas com crianças. Corroborando com isso, James e Prout (1990) sugerem que:

etnografia tem sido adotada como uma metodologia que tem um papel particular a desempenhar no desenvolvimento de uma nova sociologia da infância, uma vez que permite às crianças uma

voz mais direta na produção de dados sociológicos do que normalmente é possível através de estilos experimentais ou de pesquisa. (JAMES; PROUT, 1990, p. 4, tradução nossa).

A partir de um tempo prolongado de permanência no campo de investigação, o pesquisador que assume a etnografia como metodologia de pesquisa tem a intenção de passar a compor o grupo, participar de suas culturas, ser aceito e integrado.

Uma metodologia originada na antropologia, a etnografia é a forma mais eficiente para descrever minuciosamente as culturas distintas das nossas. Entendo, como Geertz (2008, apud MARCHI, 2018, p. 730) que cultura é “como uma teia de significados que o ser humano teceu e na qual está enredado e etnografia como o processo de interpretação ou descrição densa de culturas”.

No campo educacional, a etnografia tem assumido um lugar de destaque em pesquisas com crianças. Nesse âmbito, a pesquisa etnográfica contribui para “compreender que significado(s) as ações das crianças têm ou assumem no sistema simbólico das suas culturas infantis” (MARCHI, 2018, p.730). Para a descrição densa e minuciosa, o pesquisador etnográfico se coloca como observador participante a priori. Marchi (2018), explica que

As pesquisas etnográficas assumiram, desde sua gênese, a observação participante como técnica de geração de dados. Isso quer dizer que a realização de toda etnografia pressupõe trabalho de campo intensivo e de longa duração exercido por especialistas preparados nas universidades (formação teórica). (MARCHI, 2018, p. 729).

A permanência prolongada do pesquisador no campo possibilita “descobrir como é a vida cotidiana para os membros do grupo – suas configurações físicas e institucionais, suas rotinas diárias, suas crenças e seus valores e a linguísticas e outros sistemas semióticos que medeiam essas atividades e contextos” (CORSARO, 2011, p. 63).

Corsaro (2011) também defende a etnografia para satisfazer a necessidade de o pesquisador se integrar o grupo de crianças. No caso de suas pesquisas, como já dissemos, o adulto se torna atípico no grupo de crianças para se aproximar e ser aceito. Nessa posição, de adulto atípico, Corsaro (2011) busca a integração num grupo que não lhe é nada familiar. A começar pela língua falada e costumes culturais, sua atuação como pesquisador lhe coloca num lugar de um adulto diferente, que não possuía nenhuma familiaridade com o grupo de crianças.

Na pesquisa de cunho etnográfico com crianças, o pesquisador deve passar por um processo de aceitação do grupo, o que não é tarefa simples, devido a sua condição de ser corpo adulto, de deter poder e controle dos corpos crianças em algumas situações. As crianças reconhecem o esforço dos adultos para se aproximarem de seus grupos e de suas culturas e da mesma forma, se esforçam para acolhê-los. Entretanto, é importante saber que papel o adulto irá assumir no grupo de crianças.

Para Graue e Walsh (2003) a escolha do papel assumido pelo adulto deve ser orientada teoricamente, de acordo com o que se pretende atingir com a pesquisa e quais relações se deseja criar. Segundo eles, o pesquisador pode se aproximar das crianças a partir de uma das três opções: “a noção de Spradley de observador participante (1979), com as suas várias gradações de participação, o papel reactivo de Corsaro (1985) e o papel de menos-adulto de Mandell (1988) [...]” (GRAUE; WALSH, 2003, p. 97). Na mesma direção, Soares (2005) sugere pensarmos nos papéis adotados pelos adultos na pesquisa com crianças. A autora cita Mandell (1991 apud SOARES, 2005) para apresentar três tipos de papéis viáveis ao adulto no processo de pesquisa. Segundo ela, os papéis são:

o observador desligado, em que se reconhece uma distinção absoluta entre os mundos sociais, culturais e sociais das crianças e dos adultos; o papel de semi-participativo desligado, no qual apesar de se defender que não há uma distinção absoluta entre adultos e crianças, há, no entanto, relações de poder assimétricas entre adultos e crianças, baseados fundamentalmente no critério idade; o papel de menos-adulto, o qual defende que todos os aspectos de superioridade do adulto em relação à criança podem ser afastados, excepto a superioridade física, permitindo assim ao investigador entrar no mundo das crianças como um membro activo e participativo. (MANDELL, 1991, apud SOARES, 2005, p. 156).

Inicialmente, em nossa inserção no CMEI (um dos campos da pesquisa), dada a nossa familiaridade cultural com o grupo, acreditamos ter desenvolvido um papel de observador participante (SPRADLEY, 1979, apud GRAUE, WALSH, 2003), com alto grau de participação, por meio do qual dividimos as funções pedagógicas com a professora regente da turma. No primeiro contato com a instituição, percebemos que a professora aprovou esse tipo de participação e revelou entusiasmo com a presença de outra professora em seu contexto de trabalho. De forma muito disposta, nos ofereceu o tempo, espaço e os materiais para executar propostas e acrescentar vivências diversificadas no cotidiano das crianças. Suas expectativas podem ser observadas na análise dos dados, conforme segue:

Nesses dias acompanhei a rotina da turma e busquei me integrar ao grupo. Percebo que a professora gosta das atividades que eu proponho para as crianças. Eu tenho levado algumas brincadeiras e músicas para ensinar a elas... Considero esse momento importante para conquistar a confiança da professora além da das crianças. Por isso, tenho preparado “coisas” para levar à escola. (CAMARGO, 2020, p. 40).

Na tentativa de colaborar com as vivências cotidianas e pedagógicas da turma nos vimos como professora. Ao final do primeiro mês de inserção, notamos a necessidade de modificar nosso posicionamento e estabelecer alguns limites à nossa participação nesse contexto, a fim de assumir o papel de pesquisadora. As inquietações que motivaram a mudança de posicionamento frente às crianças foram discutidas na análise dos dados:

Todavia, a postura do observador participante tem me incomodado pois, quando conduzo a atividade, não consigo olhar para as crianças com a mesma particularidade. Preciso organizar as estratégias para tocar no centro do interesse deles, preparar os materiais, observar o tempo da atividade, etc. (CAMARGO, 2020, p. 40).

A partir disso propusemos à professora da turma uma adequação do nosso papel no contexto da pesquisa. Na medida em que frequentávamos a escola, percebíamos que as crianças mostravam nosso lugar:

Tenho a impressão que eles me olham como alguém, um adulto, que podem ignorar para subverter as regras do coletivo escolar. Eles têm atitudes diferentes quando estão só comigo. Negam minhas orientações, fingem não ouvir, a fim de satisfazer seus interesses (aqueles que não podem ser realizados quando as professoras estão com eles). (CAMARGO, 2020, p. 41).

Nosso lugar, a de adultas que faziam algumas tarefas de auxílio às rotinas escolares, mas que não possuíam autoridade ou controle, não coordenavam nem propunham atividades pedagógicas, pode ser enquadrada no conceito de menos-adulto, definida por Mandell (2003, p. 42), a partir de sua experiência de pesquisa com crianças. Ela apresenta o conceito:

Meu papel de menos-adulto incluiu uma participação responsiva, interativa e totalmente envolvida, observando as crianças da maneira mais adulta possível. Isso não implicava em dirigir nem corrigir as ações das crianças. Embora meu tamanho ditasse que eu nunca poderia passar fisicamente por uma criança, esforcei-me por colocar uma forma comum de autoridade e status de adultos, competência verbal, domínio cognitivo e social, a fim de seguir de perto seus caminhos. (MANDELL, 2003, p. 42, tradução nossa).

Mandell (2003) nos explica que o papel de menos-adulto requer concentrar esforços para a aproximação do pesquisador com as crianças. Significa deixar de lado as atividades envolventes do universo adulto, para imergir no universo infantil. Ela afirma que, buscar um bom nível de envolvimento com a criança, é a posição do menos-adulto na pesquisa etnográfica. Em suas palavras:

Eu conceituo o papel do menos-adulto como membro do grupo que suspende as noções adultas de superioridade cognitiva, social e intelectual e minimiza as diferenças físicas, defendendo que os pesquisadores adultos sigam de perto os modos das crianças e interajam com as crianças dentro de sua perspectiva. Atingir um bom nível de envolvimento com crianças pequenas é possível através da partilha do objeto social. Por meio da manipulação conjunta de objetos, as

crianças e o pesquisador consideram um ao outro e criam um significado social. Agindo com as crianças na sua perspectiva, os adultos ganham uma compreensão das ações das crianças. (MANDELL, 2003, p. 58, tradução nossa).

Com esse entendimento buscamos adequar nossa inserção junto às crianças, ainda nos primeiros meses da investigação. Passamos a participar das propostas pedagógicas juntamente com as crianças, sentando no chão com elas, manuseando seus brinquedos, criando castelos com pecinhas de montar, vivenciando suas rotinas de alimentação e higiene, aproximando o corpo adulto do corpo criança.

Essa dimensão de posicionamento não excluiu, entretanto, nosso auxílio à professora regente em tarefas de organização, como por exemplo, entregar agendas, distribuir os lápis de cor, amarrar os tênis, entre outras ações dessa espécie.

Para Mandell (2003), o pesquisador deve mostrar às crianças que o papel que desenvolve não inclui o desenvolvimento de auxílio à professora regente. No relato de sua experiência de pesquisa com crianças ela mencionou: “Como eu não queria ser tratada como professora tinha que mostrar às crianças que não poderia ser chamada para executar tarefas adultas, como amarrar sapatos, empurrá-las nos balanços, segurá-las no colo ou trocar fraldas”. (MANDELL, 2003, p. 43 e 44, tradução nossa). Nesse sentido, nossa atuação se distinguiu parcialmente do conceito de menos-adulto estabelecido por Mandell (2003), pois desempenhamos junto à professora, algumas tarefas que envolviam a organização da rotina escola, sem a intencionalidade direta do cuidar e educar das crianças, como ajudar a colocar os brinquedos no lugar, carregar os materiais da professora de um ambiente para o outro entre outras ações que contribuíam para dinamizar as tardes com as crianças.

Como menos-adultas (MANDELL, 2003), nossos corpos adultos oportunizaram a participação dos corpos crianças na pesquisa, produzimos, conjuntamente, conhecimentos acerca da travessia da Educação Infantil para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Por meio das suas falas, verbais e não verbais, movimentos e gestos entendemos que na escola,

o movimento das crianças se torna um movimento invisibilizado aos olhos dos adultos. Os adultos têm uma intencionalidade na condução dos movimentos das crianças, por exemplo, no contexto da sala de aula, ou na sala de atividades da Educação Infantil, e aquilo que as crianças fazem fora dessa prescrição é simplesmente ignorado. E as surpresas continuam quando é dado a ver a enorme capacidade que as crianças têm, por vezes, de transgredir as balizas que foram estabelecidas no seu comportamento físico, quer na relação com os outros, quer na relação com os objetos, quer na própria ocupação do espaço. (RICHTER; BASSANI; VAZ, 2015, p. 21).

As crianças reinventaram seus modos de permanecer na escola. Com novos movimentos corporais nas brincadeiras que se ancoram na entonação do perigo e do desafio. Percebemos que uma prática escolar eficiente contempla a ação do corpo criança, envolvendo plenamente seu interesse e participação.

Se o corpo é “modelado pela sociedade por meio de hábitos sociais como [...] regimes disciplinares, e por processos simbólicos que fornecem interpretações para o corpo” (JAMES; JENKS; PROUT, 1999, p. 224), devemos nos questionar qual nosso posicionamento frente ao corpo criança, enquanto existência biopsicossocial, e como estamos nos relacionando com elas na pesquisa e promovendo educação em nossas instituições escolares. Na medida em que corpos adultos das escolas se preocupam em deter o controle e o poder sobre os corpos crianças que lá estão, tanto mais será necessário ampliar as discussões e os estudos em defesa da validação de suas formas de participação na pesquisa e na vida escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afirmar o corpo criança como sujeito cultural significa considerar sua forma particular de ser e estar no mundo. Isto é, validar suas habilidades, suas expressões, sua autonomia, suas relações, seus direitos, sua participação no contexto social.

Na pesquisa, se faz necessário a aproximação dos corpos crianças e corpos adultos, bem como de suas culturas, estreitando os laços entre os fundamentos conceituais e metodológicos com as teorizações que concebem o corpo criança, sua potência.

Do ponto de vista do corpo criança, considerando-a como sujeito competente e criativo, que participa, interpreta a realidade em que está inserido e a influência, defendemos que ela deve ser colocada ao lado dos adultos no processo de organização da escola, num patamar de compartilhamento de tomada de decisões e ações. E o menos adulto como postura de participação do corpo adulto na pesquisa com crianças.

Dessa forma, entendemos que a pesquisa com crianças pode ser um solo útil para legitimar as culturas infantis e por meio da potência corporal das crianças, validar a participação delas no compartilhamento da tomada de decisões do contexto escolar. Foi por esse viés que experienciamos a travessia do corpo criança, da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em nossa investigação.

Se assumirmos as características das culturas da infância como válidas, se alterarmos o entendimento internalizado sobre o corpo criança e reconhecermos que por meio dele, elas interpretam o mundo, se relacionam, se moldam e influenciam os constructos sociais, estaremos mais próximos de transformar internamente o conceito de infância e, conseqüentemente, alterar nossa perspectiva pedagógica, invertendo a centralidade do processo de pesquisa e também o de escolarização.

Para alterarmos uma formulação conceitual devemos passar por um processo de transformação interior, gerenciado, dentre outros, pelos acontecimentos evolutivos individuais, sócio históricos, que vão do conhecimento ao convencimento, confirmando ou refutando o que já estava postulado em nós intrinsecamente. Esse processo de transformação é uma experiência (LARROSA, 2011, 2014) individual e intransferível.

Ademais, desejamos que os conceitos apresentados aqui possam contribuir com a superação do dualismo corpo e pensamento que (ainda) vigora no imaginário coletivo social, nos cenários das pesquisas e das escolas e no senso comum daqueles que dela participam, e possa incentivar o entendimento de que apesar das diferentes nuances dos corpos adultos e corpos crianças, é possível produzir, de forma compartilhada, conhecimento e cultura, no âmbito das pesquisas com crianças.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Gisele Brandelero. *A travessia da Educação Infantil para os anos iniciais do Ensino Fundamental: a experiência da criança*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

CAMARGO, Gisele Brandelero; LUNARDON, Aline Maria; DE PAULA, Déborah Helenise Lemes. *O corpo criança em movimento: um conceito em construção*. No Prelo.

CORSARO, William Alberto. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artemed, 2011.

CUNHA, António Camilo. As brincadeiras ou a verdade existencial. IN: CONDESSA, Isabel Cabrita. (Org.). *(Re) aprender a brincar: da especialidade à diversidade*. Ponta Delgada: Nova Gráfica, Lda, 2009, p. 85-91.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Em busca de Metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. *Cadernos de Pesquisa*, v.35, n.125, 2005, p.161- 179.

FERNANDES, Natália; MARCHI, Rita de Cássia. A participação das crianças nas pesqui-sas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 25 p. 1-16, 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250024>

GARANHANI, Marynelma Camargo. A educação física na educação infantil: uma proposta em construção. In: ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo; SCHNEIDER, Omar. (Orgs.). *Educação física para a educação infantil: conhecimento e especificidade*. Aracaju, SE: EdUFS, 2008.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. *Investigação etnográfica com crianças: Teorias, métodos e ética*. Trad. Ana Maria Chaves. Lisboa – Portugal: Fundação Calouste Gulbernkian, 2003.

HORN, Cláudia Inês. Pesquisa etnográfica com crianças: algumas possibilidades de investigação. *Revista Enfoques PPGSA-IFCS-UFRJ*, vol. 13, n.1 Dezembro, 2013.

JAMES, Allison; JENKS, Chris; PROUT, Alan. O corpo e a Infância. IN: KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David (orgs). *Filosofia e infância*. Série Filosofia e crianças, v. 3, Petrópolis – RJ: Vozes, 1999. p. 207- 238.

JAMES, Allison; PROUT, Alan. *Constructing and Reconstructing Childhood*, Contemporary Issues in the Study of Childhood. London, The Falmer Press, 1990.

KUHN, R. Da crisálida à borboleta: a liberdade de brincar e se movimentar no mundo da vida da criança. *Corpoconsciência*, v. 20, n. 1, p. 94-108, 2016. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/4150>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

LE BRETON, David. *A Sociologia do corpo*. Trad. de Sônia M.S. Fuhrmann. 2ª ed., Petrópolis - RJ: Vozes, 2007.

MANDELL, Nancy. The Least-Adult role in studying children. IN: WAKSLER, Frances Chaput. *Studying the social worlds of children: sociological readings*. London: The Falmer Press, 2003.

MARCHI, Rita de Cassia. Pesquisa Etnográfica com Crianças: participação, voz e ética. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, abr./jun. 2018, p. 727-746.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, p. 341, 2006.

MERLEAU-PONTY. Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2012.

PROUT, Alan. Childhood Bodies: Construction, Agency and Hybridity. In: PROUT, Alan. *The Body, Childhood and Society*. London: Macmillan Press, 2000.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. *Educação e Pesquisa*, vol.36, n.2, p.631-644, 2010.

RICHTER, Ana Cristina; BASSANI, Jaison José; VAZ, Alexandre Fernandez. Entrevista com Manuel Jacinto Sarmiento: Infância, corpo e Educação Física. *Cadernos de Formação RBCE*, set. 2015, p. 11-37. Disponível em: <<http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2182/1153>>. Acesso em 06 de setembro de 2019.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: Unijuí, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A reinvenção do ofício de criança e de aluno. *Atos de pesquisa em educação - PPGE/ME FURB: Blumenau/SC*, v. 6, n. 3, set./dez. 2011, p. 581-602.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, maio/ago, 2005, p. 361-378.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 12, n. 21, 2003, p. 51-69.

SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. (Orgs). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SIROTA, Regine. Le Métier d'Élève. *Revue Française de Pédagogie*, n. 104. Paris: Institute National de Recherche Pédagogique, 1993.

SOARES, Natália Fernandes. *Infância e Direitos: Participação das Crianças nos Contextos de Vida – Representações, Práticas e Poderes*. 492 f. Tese (Doutorado em Estudos da criança) - Universidade do Minho: Instituto de Estudos da Criança, Portugal. 2005 Disponível em: < <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6978> > Acesso em 15 de outubro de 2017.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS (especificar cada contribuição, de acordo com as normas da revista: CRediT (Contributor Roles Taxonomy) que é mantido pelo [Consortia for Advancing Standards in Research Administration Information](#) (CASRAI) Exemplos abaixo:

Autora 1 – Coordenadora do projeto, participação ativa na produção e análise dos dados e revisão da escrita final.

Autor 2 – Orientação da pesquisa, análise dos dados e escrita do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Artigo: **O CORPO CRIANÇA E O CORPO ADULTO NA PESQUISA COM CRIANÇAS**

Autora 1: GISELE BRANDELERO CAMARGO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3983-2966>

Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná (PR), Brasil (BR). Contato: gbcamargo@uepg.br

Biografia:

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2020). Professora adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil - NEPIE UFPR – EDUCAMOVIMENTO e líder do Grupo de Estudos das crianças, Cultura e Educação (GEICE - UEPG).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0431876257906961>

Autora 2: MARYNELMA CAMARGO GARANHAN

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3975-7137>.

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná (PR), Brasil (BR). Contato: marynelma@ufpr.br

Biografia:

Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, Mestre em Educação (Currículo e Conhecimento) pela UFPR, Doutora em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP e Pós-doutora em Educação (Contextos Educativos da Criança e Prática Docente) pela Universidade do Vale do Itajaí de Santa Catarina - UNIVALI. Atualmente é professora associada do Departamento de Educação Física e do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UFPR (linha de pesquisa: linguagem, corpo e estética na educação). Coordena o Grupo de Pesquisa EDUCAMOVIMENTO que integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE) da UFPR, o qual é líder. Atua como voluntária internacional na Organização Mãos sem Fronteiras e foi Chefe do Departamento de Educação Física, Coordenadora do Curso Licenciatura em Educação Física e da Especialização (lato-sensu) em Educação Física Escolar da UFPR. Atuou como Coordenadora do Programa LICENCIAR da UFPR. Tem experiência nas áreas de ESTUDOS DO CORPO E MOVIMENTO e também ESTUDOS DA CRIANÇA. Atua nos seguintes temas: corpo, gestos e movimentos na formação humana; cultura infantil e pesquisa com crianças; docência na Educação Infantil e Educação Física na escola.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1653231710357259>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A TRAVESSIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE CONTAM AS CRIANÇAS DA REDE DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA

Pesquisador: Gisele Brandelero Camargo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 91936418.6.0000.0105

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Ponta Grossa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.784.325

Apresentação do Projeto:

Projeto de Pesquisa:

A TRAVESSIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE CONTAM AS CRIANÇAS DA REDE DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como as crianças compreendem o processo de travessia da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Objetivo Secundário:

Refletir sobre a passagem da Educação Infantil para os Anos Iniciais, a organização das escolas de crianças e a prática pedagógica desenvolvida em ambos os segmentos de ensino.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Não há riscos, desde que sejam mantidos em sigilo as informações.

Benefícios:

Valorização das infâncias como categorias estruturais geracionais. Reflexão sobre a transição da

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco M, Sala 116-B

Bairro: Uvaranas

CEP: 84.030-900

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3108

E-mail: coep@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 2.784.325

Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Reflexão sobre a formação de professores de crianças.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de Pesquisa Etnográfica com crianças a fim de observá-las e ouvi-las para saber como compreendem a passagem da Educação Infantil para os Anos Iniciais, no contexto escolar. Me inserirei em uma turma de Infantil V, de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Ponta Grossa - PR, durante os período de agosto a dezembro de 2018. Acompanharei a (maioria das crianças da) turma, quando em 2019, forem para a escola, situada ao lado do CMEI, na ocasião de iniciarem o primeiro ano do Ensino Fundamental. Lá permanecerei com as crianças, de fevereiro à Abril de 2019. A produção de dados se dará por meio de observação participante, gravações de áudios e vídeos, rodas de conversa, registros com desenho, visitas monitoradas, entre outros. A análise dos dados produzidos se pautará na técnica da Análise de conteúdo (BARDIN, 1995), amparado teoricamente na perspectiva interpretativa da Sociologia da Infância. Assim, autores como Corsaro (2011), Sarmiento (2005; 2008), Prout (2004), entre outros, farão parte do tecido teórico dessa pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em anexo e de acordo com as normas da resolução 466/2012

Recomendações:

Solicita-se que ao final deste projeto seja enviado o relatório final pela plataforma brasil por notificação para evitar pendências com a Propesp ou com o Comitê.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1090321.pdf	20/06/2018 19:44:47		Aceito

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvararanas, Bloco M, Sala 116-B

Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900

UF: PR **Município:** PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3108

E-mail: coep@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 2.784.325

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA.doc	20/06/2018 19:44:03	Gisele Brandelero Camargo	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	20/06/2018 19:40:09	Gisele Brandelero Camargo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_pais.pdf	20/06/2018 17:54:58	Gisele Brandelero Camargo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_SME.pdf	20/06/2018 17:53:08	Gisele Brandelero Camargo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PONTA GROSSA, 25 de Julho de 2018

Assinado por:
ULISSES COELHO
(Coordenador)

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvararanas, Bloco M, Sala 116-B

Bairro: Uvaranas

CEP: 84.030-900

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3108

E-mail: coep@uepg.br

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.